

Título : Género, cultura e sexualidade em jovens portuguesas e portugueses: um programa de educação sexual

Autor/es: Luísa Saavedra, Sara Magalhães, Diana Soares, Sara Ferreira & Filomena Leitão

Procedencia: Universidade de Minho. Braga. Portugal

Resumen:

Apesar da legislação criada em Portugal relativamente à educação sexual, dois dos principais problemas que esses programas procuram combater, mantêm-se (gravidez adolescente e VIH/SIDA) talvez porque os programas têm negligenciado a importância do género e da cultura de classe, étnica, regional e local. Tendo estes aspectos como pano de fundo foi construído um programa de educação sexual assente nos pressupostos de que: (1) o duplo padrão sexual que inscreve, em homens e mulheres, diferentes formas de vivenciar a o romance e o prazer/desejo, pode ser questionado e desconstruído; (2) as diferentes classes sociais e culturas étnicas e locais têm crenças diferenciadas acerca do duplo padrão sexual que importa compreender; (3) a promoção da autonomia, o combate ao preconceito e a informação/reflexão adequada são aspectos essenciais para a estruturação de comportamentos responsáveis no relacionamento sexual, estimulando comportamentos assertivos, a negociação e a tomada de decisão face ao uso do preservativo e ao controlo da natalidade e à sua vida sexual em geral.

Na convicção de que os programas e campanhas de educação nacional, não podem ser de âmbito nacional, este programa está estruturado de forma a ir de encontro às necessidades dos alunos e alunas, oferecendo actividades flexíveis, evitando a informação definida à priori e estimulando a reflexão. Subjacente a todo o programa está a promoção do respeito pelas diferenças, e a reflexão acerca de um projecto de vida no que diz respeito à vida amorosa e sexual.

O programa será avaliado não só pelos produtos realizados pelos grupos, mas ainda através de um pré-teste e pós-teste que consiste na aplicação da Sexual Double Standard Scale (Muehlenhard & Quackenbush, 1996), adaptada para a população portuguesa.

GÉNERO, CULTURA E SEXUALIDADE EM JOVENS PORTUGUESAS E PORTUGUESES: UM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL

Luísa Saavedra *, Sara Magalhães **, Diana Soares**,

Sara Ferreira** & Filomena Leitão**

Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia

Campus de Gualtar

4470-057 Braga

Portugal

Teléfono: 253 604241 correo electrónico: luisasaavedra@sapo.pt ou

lsaavedra@iep.uminho.pt

Temos assistido, nas últimas décadas, a um enorme esforço no sentido da elaboração de diversas campanhas de prevenção dos comportamentos sexuais de risco e da criação de legislação relativamente à educação sexual (Lei 129/99 de 11 de Agosto). Infelizmente, os números não diminuíram como se esperava no que diz respeito a dois problemas centrais: gravidez adolescente e HIV/SIDA. No que respeita à taxa de gravidez, apesar desta ter decrescido relativamente às décadas anteriores e ter praticamente estabilizado, é ainda considerada bastante elevada (22 casos em cada 1000 jovens entre os 10 e os 19 anos). No que concerne aos dados da SIDA, os casos declarados no grupo etário dos 13 aos 19 anos representam 1,5%. Se considerarmos um grupo etário mais alargado (13-24 anos), a distribuição dos casos ronda os 11,2% (CVEDT, 2003).

A pesquisa bibliográfica efectuada sobre trabalhos realizados em Portugal e estrangeiro levam-nos a considerar a hipótese de que grande parte dos programas de educação sexual têm vindo a ignorar um aspecto essencial na compreensão do modo como os

* Professora Auxiliar

** Alunas do último ano da Licenciatura em Psicologia

rapazes e as raparigas percebem e experienciam a sexualidade, ou seja, a forma como o género e a cultura de classe, étnica, regional e local conferem determinados significados à sexualidade. Apoiando-nos no pressuposto de que a sexualidade é socialmente construída em função do género, classe social, etnia e culturas locais, foi elaborado um programa de educação sexual estruturado em 3 grandes temas: (1) a construção social da sexualidade; (2) sexo seguro e/ou amor seguro e (3) um projecto pessoal face à sexualidade e à vida amorosa.

O programa, encontra-se presentemente a ser implementado em 10 grupos num total de 141 alunos e alunas, com idades compreendidas entre os 15 e 20 anos, provenientes de escolas na proximidade das cidades de Guimarães, Famalicão, Porto e Vila Nova de Gaia, tal como se indica no quadro seguinte:

	Guimarães	Famalicão	Porto	Vila N. Gaia
Nº de Grupos	4	2	3	1
Ano de escolaridade	12ºano	9ºano ¹	11º ano	²
Total de alunos e alunas	56	37	40	8

O presente artigo foi estruturado com base nos temas do programa de educação sexual a que demos o título de “Elas(es) & Eles (as)”. Em cada um dos temas os objectivos, as actividades e as estratégias usadas serão apresentadas em conjunto com o racional teórico que os fundamenta.

¹ 9º ano de currículos alternativos, na área de jardinagem, destinados a alunos e alunas que não conseguem ter sucesso académico no curriculum regular.

² Estes alunos e alunas estão fora do sistema regular de ensino, por terem atingido a idade da escolaridade obrigatória tendo o programa, em algumas das actividades, sofrido as alterações que consideramos adequadas em termos de materiais, mantendo-se, no entanto, os mesmos objectivos.

Tema 1: A construção social da sexualidade.

Subjacente ao tema “A construção social da sexualidade” está uma perspectiva construcionista social que valoriza os contextos sociais e culturais em que a sexualidade ocorre (Tiefer, 2000). Esta perspectiva rejeita a sexualidade como um fenómeno universal ou como uma força natural concebendo-a, fundamentalmente, como um sistema de significados que organiza as interações e o acesso ao poder e aos recursos. Mais do que uma experiência resultante de variáveis biológicas e psicológicas, a sexualidade é concebida como resultante das particularidades da sociedade local e do modo como esta define expectativas e oportunidades. Esta perspectiva chama a atenção para o modo como as autoridades científicas (nomeadamente a investigação e teoria sobre sexualidade) e os meios de comunicação social, por exemplo, promovem determinadas construções da sexualidade, definindo qual o período etário de maior actividade sexual, como a sexualidade se relaciona com o casamento, como se delimita o que é apropriado para a mulher e para o homem em termos sexuais e quais as condições sociais que definiram a sexualidade como uma questão de saúde (Tiefer, 2000; Travis & White, 2000). A sexualidade não deve então ser encarada como um atributo do indivíduo mas como tomando forma através das transacções entre as pessoas, sendo constantemente negociada e redefinida (Travis & White, 2000)

Tendo subjacente estas concepções, um dos principais objectivos do primeiro tema passa por levar alunas e alunos a reflectir sobre a sexualidade como uma “realidade” construída socialmente, indefinida e em constantes reajustamentos, inserindo-se aqui a análise e relatividade do conceito de duplo padrão sexual.

O conceito de duplo padrão sexual assume que homens e mulheres se distinguem quanto à permissividade dos comportamentos sexuais (Crawford & Popp, 2003) e nas motivações para a vida sexual e amorosa (Impett & Peplau, 2003). Contudo os estudos

realizados a partir dos anos 60 (Reiss, 1967) e até aos dias de hoje têm conduzido a resultados pouco claros³. No entanto, a maior parte destas investigações apontam para uma maior permissividade sexual para o sexo masculino e enfatizam a maior necessidade de “pureza sexual” para a mulher. Apesar disso, com excepção de alguns grupos religiosos e étnicos, uma abstinência sexual antes do casamento é rara nos países ocidentais. Em Portugal, alguns estudos com adolescentes constataam que os jovens⁴ iniciam mais cedo a sua vida sexual (68,2% contra 52,1% de raparigas), têm e esperam vir a ter mais parceiras sexuais do que as jovens e que, por contraponto, a taxa de virgindade é mais acentuada nestas últimas (Alferes, 1997; Vasconcelos, 1998). Uma investigação mais recente vai no mesmo sentido apontando o facto de os jovens do sexo masculino iniciarem, em média, a sua vida sexual mais cedo e possuírem maior número de parceiros/as sexuais do que as jovens do sexo feminino. De entre os que já iniciaram a actividade sexual, verifica-se que para a maioria dos rapazes este início ocorreu antes dos 16 anos (33.6%), enquanto que para o sexo feminino este ocorreu já depois dos 16 anos (11.4%). Portugal é o país onde a diferença entre os sexos, quanto ao início da actividade sexual, é mais acentuada (Monteiro & Raposo, 2005).

No que concerne, ainda, à permissividade sexual a linha entre o que é sexualmente permitido e proibido às raparigas é bastante ténue. Por exemplo, no ensino secundário, uma aluna pode ser considerada “fácil” por usar maquilhagem em excesso, tomar a iniciativa de falar com rapazes ou usar tampões durante o período menstrual (Crawford & Popp, 2003). Do mesmo modo, demonstrar alguma assertividade e abertura face à sexualidade, usar roupa sensual e maquilhagem ostensiva (como batom e verniz escuros) foram aspectos igualmente identificados como comportamentos promíscuos (Bettie, 2003; Eder, Evans e Parker, 1995). Por outro lado, Martin (1996), verificou que

³ Para uma revisão mais alargada ver DeLamater, 1987; Oliver & Hyde, 1993.

⁴ Estudo realizado com jovens entre os 15 e 29 anos.

ter relações sexuais não era necessariamente considerado negativo pelas colegas, no entanto já o seria se os seus pares a julgassem como demasiado nova. Tanto Martin (1996) como Thompson (1995) concluíram que o duplo padrão heterossexual continua vivo mas que é mais contextualizado do que no passado e que a linha entre o que é adequado e desadequado é local e individualmente construída, usando, cada rapariga, esta linha para orientar o seu comportamento como uma “boa rapariga” ou uma “rapariga fácil”.

Porém, a classe social, a etnia ou determinados contextos históricos pode introduzir *nuances* neste padrão, que convém não desvalorizar. Com efeito, as estatísticas indicam grandes diferenças no comportamento sexual de raparigas de diferentes etnias. Por exemplo, quase 40% das raparigas afro-americanas tiveram já relações sexuais por volta dos 17 anos, enquanto isso acontece apenas a 25% das euro-americanas e 24% das de origem latina (Hayes, 1987). São, também, encontradas diferenças na progressão do comportamento sexual, demorando as euro-americanas mais tempo na fase prévia à relação sexual do que as afro-americanas. Contudo estas últimas parecem ter mais fantasias românticas do que as euro-americanas (Welsh, Rostoski & Kawaguchi, 2000).

A classe social é outra variável importante na definição do duplo padrão sexual, na medida em que do ponto de vista comportamental, os grupos de classe durante a adolescência são marcados pela roupa, vocabulário, cortes de cabelo, uso de cosméticos, atitudes para com os professores e práticas sexuais (Bettie 2003; Morrill, Yalda, Adelman, Musheno & Bejarano 2000; Ortner 1991). Um trabalho levado a cabo por Bettie (2003) indica, por exemplo, que as alunas “não-brancas” e as alunas brancas da classe trabalhadora são avaliadas como sendo sexualmente mais activas por apresentarem maior tendência para engravidarem e levar a cabo a gravidez, mesmo que a grande maioria não revele sequer um acentuado interesse pela sexualidade. As

raparigas brancas da classe média podem ter uma vida sexual idêntica mas possuem outros meios e conhecimentos para controlar a natalidade, tornando a sua vida sexual menos visível. Na verdade, na maior parte dos casos “as diferenças de classe são sexualmente representadas como diferenças sexuais” (Ortner, 1991, p.178).

Relativamente à motivação para a vida sexual, estudos realizados com estudantes universitários/as apontam para diversas razões, tais como adquirir experiência sexual, sentir-se atraente, impressionar os seus pares, ganhar aprovação de um parceiro ou parceira e promover a intimidade numa relação significativa (Impett & Peplau, 2003). Apesar desta diversidade, os homens universitários parecem mais preocupados do que as mulheres em impressionar os seus pares e as mulheres mais interessadas em agradar a um parceiro ou em promover a intimidade de uma relação. Estas diferenças parecem contudo diminuir nas relações em que existe um compromisso (Impett & Peplau, 2003). Em resumo, a literatura enfatiza que a maior parte das jovens procuram o amor, a intimidade e o compromisso enquanto os rapazes valorizam o prazer físico e o poder sexual.

Dando continuidade ao anterior objectivo, de análise do duplo padrão sexual, cabe aqui explorar, analisar e (se possível) desconstruir a relação entre romance, prazer, “sexo como amor” e “sexo como desejo”, fomentando a adopção de atitudes e comportamentos não sexistas e questionando os modelos que encaram a sexualidade numa perspectiva positivista, ou seja, enfatizando as dimensões culturais que lhe dão significado.

Com base nestes suportes teóricos e de investigação os alunos e alunas de cada grupo são convidados/as a reflectir sobre as suas percepções acerca das comunalidades e diferenças de atitudes, comportamentos, expectativas face à sexualidade de rapazes e

raparigas, bem como sobre as pressões sociais e dos pares relativamente à primeira experiência sexual e ao ciclo de vida das relações para os dois sexos. Pretende-se com estas actividades avaliar não só as diferenças construídas pelo género, mas também aquelas resultantes de pertenças a diferentes grupos sócio-culturais, provenientes de recursos diferenciados essencialmente pela classe social e pelo meio social (mais rural ou urbano, grande cidade, cidade de periferia), tendo em conta que o programa é implementado em escolas com características distintas relativamente ao meio sócio-cultural de origem de alunos e alunas.

Em termos de metodologia de trabalho o grande grupo é convidado a organizar-se em 2 subgrupos (rapazes *versus* raparigas) que devem reflectir sobre a forma de vivenciar a sexualidade do seu sexo e do sexo oposto. As conclusões de cada grupo são comunicadas a todos e todas promovendo-se o debate e o questionamento sobre essas mesmas conclusões. Um pequeno filme, bem como alguns dados de investigação sobre o duplo padrão sexual servem igualmente de base para reflexão e desconstrução de significados estereotipados atribuídos, em função do género e da cultura, à sexualidade.

Tema 2: Sexo seguro e/ou amor seguro

Apesar dos efeitos da informação na prevenção do HIV/SIDA e da gravidez serem controversos, um dos primeiros objectivos deste segundo tema é promover o acesso a informação adequada como aspectos essenciais para a estruturação das atitudes e comportamentos responsáveis no relacionamento sexual.

Na verdade, no que diz respeito às consequências da informação alguns autores e autoras consideram que o conhecimento sobre o HIV/SIDA, a sua transmissão e a sua prevenção pode aumentar a intenção de usar preservativo, enquanto outros defendem

que este conhecimento não é uma garantia da promoção de comportamentos de menor risco (Santos, 2004).

Um estudo realizado com estudantes universitários do distrito de Bragança (Portugal) em 1999 revelou que 19,2% dos estudantes não conhecia o significado da palavra SIDA e que 16,4% tinham ideias erradas sobre a sua forma de transmissão (Contra SIDA, 1999, in Santos, 2004). Em 1997, uma outra investigação com alunos universitários do distrito de Braga revelou que entre 85% e 98% conheciam os meios de transmissão do VIH/SIDA e que 81,1% referiam o uso do preservativo como uma boa estratégia na protecção contra o VIH/SIDA. No entanto, 67% nunca tinham utilizado o preservativo e apenas 9,5% o utilizaram sempre. Ainda, 19% dos alunos e alunas estavam absolutamente certos que não utilizariam nunca o preservativo, enquanto que 29% estavam absolutamente certos que o utilizariam (Cruz, 1997).

Estes dados levam-nos a pensar que os programas e campanhas de educação nacional, não deveriam ser de âmbito nacional, mas antes através de estruturação de forma a ir de encontro das necessidades dos alunos e alunas no seu contexto social, evitando a transmissão de informação padronizada e definida *à priori*. Deste modo e recorrendo a um questionário sobre o HIV/SIDA, é possível avaliar o nível de conhecimentos de cada grupo direccionando a informação para as questões relevantes e que necessitam de aprofundamento ou clarificação para o grupo em questão.

Concordamos com Helena Santos (2004) quando afirma que: “ É legítimo pressupor que a melhor maneira de se poder combater um problema seja, antes de mais, conhecê-lo” (p. 96). Neste sentido, um segundo objectivo, intimamente relacionado com o primeiro, passa pelo confronto com alguns dados internacionais e nacionais sobre o HIV/SIDA e sobre a utilização e não utilização do preservativo em jovens universitários/as portugueses/as.

Contudo, os números acima referidos e outras informações resultantes de estudos realizados noutros Países, levam-nos a pensar que é importante compreender, porque algumas pessoas assumem conscientemente que nunca recorreriam ao preservativo como meio de prevenção, mesmo estando conscientes dos riscos. Por um lado, julgamos que uma informação cuidada e adequada à população deve ser o primeiro ponto de partida para a prevenção, podendo ser, por vezes, suficiente. No entanto, é simultaneamente importante compreender e actuar sobre os mitos, atribuições e percepções negativas associados ao uso do preservativo. Estes aspectos assumem um papel fundamental na medida em que são estes que impedem alguns sujeitos de, apesar de todo o conhecimento que possuem, de se protegerem convenientemente das doenças sexualmente transmissíveis. Tendo por base este pressuposto o grupo é levado a reflectir sobre algumas das possíveis razões para a não utilização do preservativo. Esta abordagem permite a expressão dos receios, mitos e crenças por parte dos jovens e o confronto com outras perspectivas dentro do grupo, bem como avaliar em que medida os dados encontrados noutros países estão presentes nos nossos jovens.

Efectivamente, a investigação levanta o véu sobre alguns desses mitos. As mulheres avaliam mais negativamente uma outra mulher se ela se mune de preservativo antes do acto sexual do que quando realiza o acto sexual sem protecção (Hynie e Lydon's, 1995). Simultaneamente, consideram mais negativo o comportamento de uma mulher que se previne com o preservativo do que o de um homem (Crawford & Popp, 2003). Diversos estudos confirmam ainda que a realização de um acto sexual sem protecção é considerado mais romântico (Galligan & Terry, 1993; Jackson, 2005; Milnes, 2004, Rosenthal, Gifford, & Moore, 1998).

Se como anteriormente já vimos o duplo padrão sexual indica que a maioria das mulheres procura intimidade, compromisso e amor numa relação sexual e se o ideal de

uma relação é a fidelidade e a confiança então é possível que o recurso ao preservativo coloque em risco este padrão. Tudo leva a crer que o que frequentemente está em jogo no recurso ou recusa do preservativo é o papel do amor e do romance na vida sexual por oposição ao sexo pelo sexo (Rosenthal, Gifford, & Moore, 1998). Por outro lado, mesmo os homens e mulheres que assumem que usariam o preservativo com uma pessoa que mal conhecessem, acabam por reconhecer que, na realidade, é muito difícil negociar o seu uso quando se trata de fazer sexo com uma pessoa que acabaram de conhecer.

Assim sendo, a procura da dita segurança em termos de saúde representa para muitos homens e para a maioria das mulheres o pôr e causa a possibilidade do amor. Nesta linha de pensamento as relações casuais e desprotegidas mais não são de que uma estratégia para o “amor seguro”, ameaçando sobretudo as mulheres e as jovens que têm mais tendência a interpretar encontros casuais como significativos e de longo termo em vez de os encararem como relações de risco. Além disso, é de supor que as mulheres interpretam convenientemente as expectativas masculinas, pois estes referem admitir o uso de preservativo unicamente numa relação em que a possibilidade de amor está totalmente excluída (Rosenthal, Gifford & Moore, 1998).

São estes mitos e pressupostos que fazem com que a negociação da segurança seja um fenómeno raro na adolescência. Efectivamente, a confiança no amor, o discurso romântico, a reputação sexual (só as que dormem com todos precisam de usar preservativo) e o medo de perder um namorado constituem barreiras para a prática do sexo seguro (Jackson, 2005).

Pode-se então concluir que enquanto as categorias de amor, paixão, confiança e romance forem encaradas como oposição ao sexo casual, perigo e doença a procura de

segurança no amor trará consigo uma proliferação de perigos para a saúde sexual. (Rosenthal, Gifford, & Moore, 1998).

Depois da análise dos mitos face ao preservativo, afiguram-se lógicas as actividades que permitam a estimulação de comportamentos assertivos, a negociação e tomada de decisão face ao uso do preservativo e à sua vida sexual em geral, através da promoção de uma comunicação mais aberta e menos estereotipada das iniciativas da. Neste sentido, e afim de promover a reflexão e antecipar situações constrangedoras face a uma relação sexual não desejada e/ou à utilização do preservativo, os jovens e as jovens são confrontados com situações e expressões verbais em que são pressionados a realizar um acto indesejável ou de uma forma indesejável (sem preservativo) e devem encontrar forma de responder a essa pressão. Com esta actividade pretende-se ainda fomentar a recusa de expressões da sexualidade que abarquem violência ou coacção ou envolvam relações pessoais de dominação ou exploração e promover a adopção de atitudes preventivas da doença e promotora de bem-estar e de saúde.

Tema 3: Reflectir sobre um projecto sexual e/ou amoroso

Um dos principais objectivos deste tema e do programa como um todo é permitir que cada aluno e aluna reflecta sobre a importância de definir de um forma consciente e livre, o seu projecto de vida no que diz respeito à sexualidade e vida amorosa, tendo consciência de que esta definição será provavelmente temporária e dependente da pessoa ou pessoas com quem se podem envolver física e/ou emocionalmente num determinado momento da vida. Para tal é importante as alunas e alunos compreenderem o significado que cada um atribui ao amor e ao sexo e as “vantagens” e “desvantagens”

dos vários tipos de relações em que se querem “comprometer”, sendo estas com ou sem um compromisso.

Não podemos mais descurar o facto de que os comportamentos sexuais e os valores ligados à sexualidade têm vindo a mudar consideravelmente desde os finais dos século XX e princípios do século XXI com um impacto significativo nos contornos das relações íntimas (Bauman, 2003; Giddens, 1992), e que estas mudanças afectam não só os adultos como os jovens. O trabalho de Giddens chamou a atenção para o modo como a (hetero)sexualidade é importante na construção de novas formas de relações. Por um lado, existe um movimento em direcção a uma sexualidade casual ou episódica essencialmente associada com a característica masculina de evitar a intimidade. Este tipo de relação é caracterizado por uma perspectiva instrumental do sexo e por uma visão compulsiva do comportamento sexual que se exprime nos referidos encontros casuais. Por outro lado, há uma procura de relações íntimas que combinam o amor com o prazer sexual, geralmente associadas à mulher. Neste caso, entra-se na relação pelo que ela pode dar a cada um e só se mantém enquanto ambas as partes retirarem dela satisfação suficiente.

Estas mudanças produzem novas formas de configurar tanto o amor como o sexo. Bauman (2003, p. xii) designa estas novas formas de encontros sexuais e amorosos de “amor líquido”, pois são relações caracterizadas pela facilidade de entrar e de sair. Passou-se, assim, de relações baseadas no dever, família e romance para uma visão do amor como uma sequência de encontros fáceis, intensos e frágeis, altamente marcadas por uma sensibilidade consumista. Somos consumidores da nossa própria experiência sexual e esperamos ser facilmente estimulados e rapidamente satisfeitos, obtendo o mais rapidamente possível o que queremos para pagar mais tarde. Quando a novidade

termina “descartamo-nos e partimos para outra”. Este tipo de intimidade torna-nos muito livres mas é uma constante fonte de incerteza e insegurança.

Com base nestas perspectivas os elementos do grupos são levados a reflectir sobre as diferentes concepções da sexualidade e do casamento ao longo do tempo e sobre as novas formas de conceber as relações na actualidade em função da sua cultura, das influências familiares, religiosas, dos pares, entre outras, tendo em conta que diferentes trabalhos de investigação com adolescentes chamam a atenção para o facto de em certas culturas e classes sociais, as relações sexuais múltiplas, bem como o sexo pelo sexo, serem o comportamento socialmente mais aceite. Nomeadamente, Milnes (2004) identifica um discurso de igualdade sexual, para fundamentar estes comportamentos, por oposição ao discurso do amor romântico. Esta autora constata, no entanto, que a narrativa da igualdade sexual conduz algumas jovens, que se envolveram com múltiplos parceiros sexuais, a sentirem que foram manipuladas ou usadas em vez de promoverem sentimentos de *empowerment* ou de emancipação sexual. Os discursos da igualdade sexual, embora possam afigurar-se como um desafio aos discursos românticos, podem levar a uma condenação do direito de encontrarem o amor, a intimidade e o compromisso com os seus parceiros. Milnes (2004) conclui que estas jovens, dificilmente se conseguem envolver em relações casuais do mesmo modo que os homens e parecem sentir-se obrigadas a escolher entre o romance e a igualdade sexual. Ficam assim presas a duas alternativas contraditórias (em cada uma das quais existem limitações) em vez de compreenderem que ambas são possíveis. A autora defende que a libertação e a igualdade sexual é muito mais do que ficar aprisionada a comportamentos associados à sexualidade masculina. Acima de tudo a igualdade sexual é ter a “liberdade de experimentar a sexualidade sem ser pressionada a actuar duma certa forma e ser estigmatizada por isso” (Milnes, 2004, p. 168).

Dentro de um idêntico contexto, Bettie (2003) chama a atenção para a forma como as raparigas das diferentes classes sociais e etnia, embora com vivências semelhantes, encontram forma de, ora ocultar, ora exibir a sua sexualidade. Comum a quase todas as jovens é assumir a actividade sexual no quadro de uma relação estável. Igualmente todas as classes sociais e etnias assumem a prática sexual fora do contexto de uma relação amorosa, embora concordem que há um padrão masculino distinto, sendo mais aceitável esse comportamento para os rapazes do que para elas. No entanto, a posição de classe e etnia faz com que estes comportamentos pareçam mais visíveis nuns grupos do que noutros. Assim, as raparigas da classe média que usam métodos de controlo da gravidez e que praticam o aborto, se necessário, tornam mais invisível o seu comportamento sexual. As alunas de etnia mexicana, recorrem pouco quer ao controlo da natalidade, quer ao aborto pelo que a gravidez se manifesta com maior incidência. Neste sentido, afigura-se indispensável levar cada grupo e cada elemento do grupo a reflectir sobre as consequências das opções que tomam, para a sua imagem pessoal e imagem perante os pares e outros significativos, bem como sobre as influências sociais e culturais a que cada um e cada uma é sujeita.

A importância da ascendência dos pares sobre o comportamento sexual do adolescente é significativamente valorizada por diversos autores considerando que são determinantes nas decisões que os jovens tomam relativamente à sua sexualidade. A religião e a família parecem ter também um peso considerável se tivermos em conta que a religião dos filhos tende a coincidir com a dos pais e que os adolescentes com uma prática religiosa têm um menor envolvimento em experiências sexuais, como também uma maior relutância em falarem sobre sexualidade (Monteiro & Raposo, 2005; Vasconcelos, 1998; Vilar, 2002).

Nos módulos anteriores os alunos e alunas foram já confrontados com algumas destas pressões sobre o início da vida sexual, sobre estereótipos associados ao género e ao uso do preservativo, bem como pressões para realizar o acto sexual sem protecção. Trata-se agora de as integrar e reflectir sobre as pressões que eles próprios são capazes de, neste preciso momento, estarem a exercer sobre os seus pares, marginalizando certas pessoas e/ou grupos por exibirem comportamentos ou defenderem posições que entram em confronto com as suas próprias. A este propósito será introduzido o tema da orientação sexual e serão convidados/as a exprimirem os seus sentimentos quando confrontados com imagens de pares heterossexuais e homossexuais.

Estas actividades devem permitir que alunas e alunos possam ter oportunidade de reflectir sobre o direito à diferença, quaisquer que sejam as suas características físicas e a sua orientação sexual, promovendo a aceitação do outro.

Para finalizar, e antes do pós-teste, pede-se a cada jovem que imagine a sua vida amorosa e/ou sexual daqui a 5 a 7 anos e daqui a 23/25 anos (quando tiverem sensivelmente 40 anos). Dependendo do ambiente do grupo poderão ser lidas voluntariamente algumas destas projecções para o futuro ou unicamente pedir a cada um e cada uma que reflecta sobre as principais diferenças encontradas em cada narrativa.

Avaliação

O programa será formal e quantitativamente avaliado com a *Sexual Double Standard Scale* (Muehlenhard & Quackenbush, 1998) através de um pré-teste e pós-teste, realizado com grupos experimentais e de controlo.

Uma avaliação essencialmente qualitativa será feita através da análise dos produtos realizados durante as sessões, pelos trabalhos realizados nos grupos e subgrupos e que, esperamos, poderão servir para uma apreciação qualitativa acerca do duplo padrão

sexual em jovens portugueses, pois a maioria dos trabalhos realizados no nosso País têm tido por base análises quantitativas (Alferes, 1997; Lopes, 2004; Santos, 2004; Vasconcelos, 1998). Pensamos ainda que esta poderá ser uma oportunidade para desenvolver outro tipo de trabalhos de investigação nesta área numa vertente essencialmente qualitativa.

REFERÊNCIAS

- Alferes, V. R. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia da sexualidade*. Porto. Edições Afrontamento.
- Bauman, Z. (2003) *Liquid Love: On the Frailty of Human Bonds*. Cambridge: Polity Press.
- Bettie, J. (2003). *Women without class: girls, race, and identity*. London: University of California Press.
- Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis (2003). *Infecção VIH/SIDA: A situação em Portugal a 30 de Junho de 2003*.
- Crawford, M. & Popp, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research. *The Journal of Sex Research*, 40, 13-36.
- Cruz, J. F., Vilaça, M. T., Sousa, A. C., Gomes, A. R., Melo, B. M., Araújo, M. S., Dias, C. S., Freitas, M. C., Ruivo, M. L. (1997). Prevenção do HIV e do Sida nos adolescentes e jovens adultos: Investigação do conhecimento, atitudes e comportamento sexual. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2,2, 279-304.
- Lopes, O. (2004). Crenças e atitudes como "Co - Factores" DO VIH/SIDA. 5º *HIV/AIDS Virtual Congress*. Disponível em:

http://www.aidscongress.net/article.php?id_comunicacao=232, accedido em 19/11/2006.

DeLamater, J. (1987). Gender difference in sexual scenarios. In K. Kelley (Ed.), *Females, males and sexuality: Theories and research*. Albany: State University of New York Press.

Eder, D., Evans, C. C., & Parker, S. (1995). *Gender and adolescent culture*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

Gallican, R. F. & Terry, D. J. (1993). Romantic Ideals, Fear Of Negative Implications, And The Practice Of Safe Sex. *Journal Of Applied Social Psychology*, 23, 1685-1711.

Giddens, A. (1992) *The Transformation of Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies*. Cambridge: Polity Press.

Hayes, C. (Ed.). (1987). *Risking the future: Adolescent sexuality, pregnancy, and child bearing* (Vol. 1). Washington, DC: National Academy Press.

Impett, E. A & Peplau, L. A. (2003). Sexual compliance: Gender, motivational, and relationship perspectives. *The Journal of Sex Research*, 40, 1, 87-100

Jackson, S. (2005). 'Dear *Girlfriend* ...': Constructions of sexual health problems and sexual identities in letters to a teenage magazine. *Sexualities*, 8(3): 282-305.

Martin, K. A. (1996). *Puberty, sexuality, and the self. Girls and boys at adolescence*. London: Routledge.

Milnes, K. (2004). What lies between romance and sexual equality? A narrative study of young women's sexual experiences. *Sexualities, Evolution & Gender*, 6 (2-3), 151-170.

- Monteiro; M. J. & Raposo; J. V. (2005). Compreender o comportamento sexual para melhor (re)agir. *6º HIV-AIDS Virtual Congress*. Disponível em: http://www.aidscongress.net/article.php?id_comunicacao=271, acessado em 20/12/2006.
- Morrill, C., Yalda, C., Adelman, M., Musheno, M. & Bejarano, C. (2000) Telling tales in school: Youth culture and conflict narrative. *Law & Society Review* 34:521-65.
- Muehlenhard, C. L. & Quackenbush, D. M. (1998). Sexual double standard scale. In Clive M. Davis, William L Yarber, Robert Bauserman, George Schreer and Sandra L. Davis (Eds). *Handbook of sexuality-related measures* (pp. 186-188). London: Sage.
- Oliver, M. B., & Hyde, J. S. (1993). Gender differences in sexuality: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 114, 29-51
- Ortner, S. B. (1991). Reading America: Preliminary notes on class and culture. In *Recapturing anthropology: Working in the present*, edited by Richard G. Fox. Santa Fe, NM: School of American Research Press.
- Reis, M. H & Vilar, D. (2004). A implementação da Educação Sexual na escola: atitudes dos professores. *Análise Psicológica*, 4 (XXII), 737-745.
- Reiss, I. L. (1967). *The social context of premarital sexual permissiveness*. New York: Holt, Rinehart, and Winston.
- Rosenthal, D., Gifford, S. & Moore, S. (1998) Safe sex or safe love: Competing discourses? *AIDS Care*, 10, 1, 35-47.
- Santos, M. H. (2004). Sexo para o que der e vier: Masculinidades e comportamentos preventivos face à SIDA. In L. Amâncio (Org.). *Aprender a ser homem: construindo masculinidades* (pp. 91-120). Lisboa: Livros Horizonte.

- Thompson, S. (1995). *Going all the way: Teenage girls' tales of sex, romance, and pregnancy*. New York: Hill and Wang.
- Tiefer, L. (2000). The social construction and social effects of sex research: the sexological model of sexuality. In Cheryl B. Brown e Jacquelyn W. White (Eds.). *Sexuality, society, and feminism* (pp.79-107). Washington, DC: American Psychological Association.
- Travis, C. B. & White, J. W. (2000). Introduction. In Cheryl B. Brown e Jacquelyn W. White (Eds.). *Sexuality, society, and feminism* (pp. 3-8). Washington, DC: American Psychological Association.
- Vasconcelos, P. (1998). Práticas e discursos da conjugalidade e sexualidades dos jovens portugueses. In Manuel V. Cabral e José M. Pais. *Jovens portugueses de hoje* (pp. 215-305). Oeiras: Celta.
- Vilar, D. (2002). *Falar disso: a educação sexual nas famílias dos adolescentes*. Porto: Afrontamento.
- Welsh D. P., Rostoski, S. & Kawaguchi, M. C. (2000). A normative perspective of adolescent girls' developing sexuality. In Cheryl B. Brown e Jacquelyn W. White (Eds.). *Sexuality, society, and feminism* (pp.111-140). Washington, DC: American Psychological Association.